

# A IDEIA

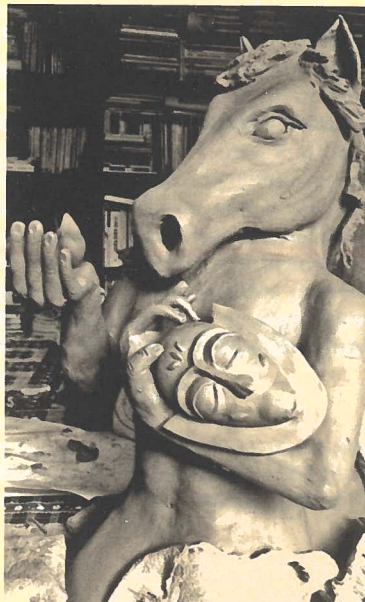
*revista de cultura libertária*

90/91/92/93

periodicidade anual  
outono 2020  
preço voluntário



	<i>Carlos Baptista – Um Poema</i>	214
	<i>Pedro Fernando – Caxias Ocluso Possível...</i>	215
	<i>Enrique Nogueras – Pinus Pinea</i>	216
	<i>Ivan Bettini – Gandhi e a Anarquia</i>	217
	<i>Adalberto Alves – Coronavírus</i>	223
	<i>A. Cândido Franco – Coronavírus</i>	224
	<i>Hugo Gonçalves Silva – Radiofrequências... e Porque o 5G Nos Preocupa</i>	230
	<i>Jesús Lizano – “Noivos” – Poema Místico Libertário</i>	238
	<i>Ferran Aisa – Jesús Lisano y el Misticismo Libertario</i>	244
	<i>Pedro Morais – A Traição de Prometeu</i>	249
	<i>Mário Rui Pinto – Giuseppe Pinelli</i>	250
	<i>Encontros dos Bardinhas</i>	252
	<i>A. Cândido Franco, Joëlle Ghazarian, Júlio Henriques, Mara Rosa, Sílvia das Fadas</i>	
	<b>LEITURAS &amp; NOTAS</b>	263
	<i>[Ana da Palma, Carlos Díaz, Ferreira de Castro, Gabriel Rui Silva, João Freire, José Manuel Martins, José Pais de Carvalho, M. Ricardo de Sousa, Mário Rui Pinto, Risoleta Pinto Pedro]</i>	
	<b>REGISTO BIBLIOGRÁFICO</b>	300
	<i>[A. Cândido Franco, Mara Rosa, Maria Estela Guedes, Mário Rui Pinto, Pedro Martins, Risoleta Pinto Pedro]</i>	
	<b>ARQUIVO &amp; REGISTO</b>	324
	<b>Novos Colaboradores</b>	335

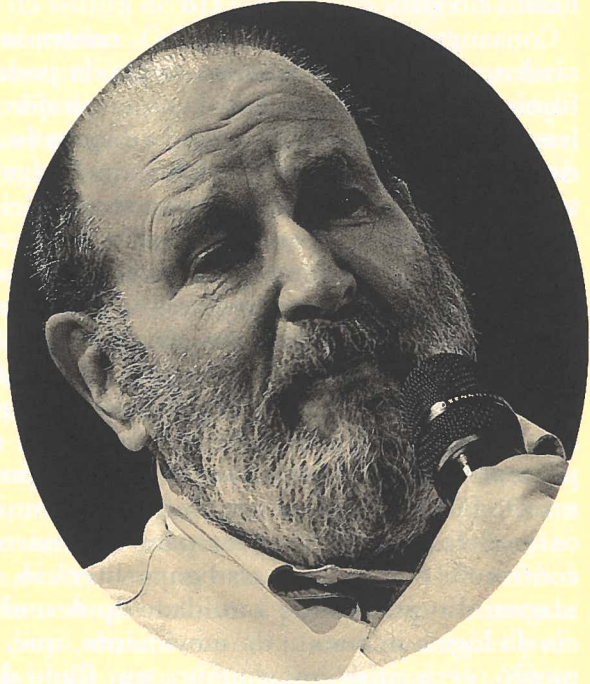


Força e Delicadeza  
Homenagem a Cruzeiro Seixas [1920-2020]  
barro de Mara Rosa



ção de toda uma imensa teia de cumplicidades e amizades que a sua personalidade afável e generosa foi criando com o passar dos anos. Em 1976 estava também no grupo fundador do *Centro Studi Libertari / Archivio G. Pinelli*.

Paolo Finzi era um profundo conhecedor da teoria anarquista e da sua ética, cultivava o diálogo e o debate, praticava a dúvida e a reflexão, incentivava a ouvir e a respeitar a opinião alheia, era uma pessoa inteligente, culta, brilhante e sensível, sempre disponível. Divulgador infatigável das ideias, pela escrita e pela fala, foi também autor de monografias sobre personagens históricas do anarquismo italiano — *La nota persona. Errico Malatesta in Italia (dicembre 1919 – luglio 1920)*, La Fiaccola, Ragusa, 1990, e *Insuscetibile di ravvedimento. L'anarchico Alfonso Failla (1906-1986): carte di polizia, scritti, testimonianze*, La Fiaccola, Ragusa, 1993 —, bem como editor, através da sua *Cooperative Editrice A — Che non ci sono poteri buoni. Il pensiero (anche) anarchico di Fabrizio De André*, Milan, 2018, e *Farò del mio peggio. Cronache anarchiche a fumetti*, Milan, 2019 — este último uma antologia da personagem irónica da banda desenhada Anarchik.



Paolo Finzi

Permito-me acabar com uma nota pessoal. Tive o privilégio de o conhecer, já no longínquo ano de 1984, durante o Encontro Anarquista Internacional de Veneza. A partir daí, multiplicaram-se as conversas, visitas, encontros, colaborações, intensificadas nos últimos anos em que a minha disponibilidade física para ir a Itália ficou maior. Qualquer conversa com ele foi sempre uma aprendizagem. Obrigado por tudo Paolo Finzi. Boa viagem.

Que a terra te seja leve e que ressuscites em Anarres!

## UDERZO [1927-2020] OU O CINEMA AO LADO

♦ José Manuel Martins

Filmes em paracinese compostos por imagogramas-planos (a vinheta: um compacto estático, mas vectorial – ‘paracinético’, paracinemático – de fotograma e de plano), ao mesmo tempo conjugando palavra e imagem, semiologia e semiótica, e dotando-se dos seus próprios meios de montagem no enquadramento de um só meta-plano, a página, ‘re-mediada intermedialmente’ em ‘prancha’: a BD é o cinema ao lado. Nasceu com ele, bastarda da literatura, antecipou, na imprensa, o episódio televisivo, herdeiro do romance em folhetim (unindo dois



de cima e de fora) o é do eixo horizontal (pinta-se expondo diante o mundo emergente das coisas). 4) Tome-se, como exemplo, este autêntico javali-obélix que é o cartuxo (abaixo, na segunda vinheta da segunda tira) que circumvoluteia com o rasto substancial que o gesto de fundibulário do deuteragonista deixa no mundo. Esse movimento alastra ao mesmo tempo dentro do balão (que se desprende de Obélix: que é uma obelixidade) e desarruma a caligrafia contagiada.

## PATAFÍSICA (UMA NOTA)

♦ *José Manuel Martins*

Mil vezes patafísico a metafísico. O patafísico encontra o seu lugar de aprendiz de feiticeiro nos alcatruzes eternos de Escher, no contexto de imanência, incapável e ilusoriamente transiente. Dessa abissalidade faz parte (e é mesmo o gesto malevichiano de suspensão de tudo no nada) a autoficcionalização *in re* do evanescente, intermitente, inexistente Collège, e de todas as suas roupagens mitomaniacas. O mais sério lógico-ontológico libertado de si mesmo como ficção ('insustentável leveza'), os princípios impossíveis da Patafísica regidos por um crocodilo fotografado no Níger, formam, como koan insuperável, uma operação de *deposição da realidade* que ultrapassa várias vezes em alta-voltagem filosófica as mais promissoras medium-ontologias tecnológicas da imaterialização, e reinstauram, como um rito e uma eucaristia implícita, o próprio gesto ontológico do *adventus absolutus*: o mundo, trama mayâvica, é a autoficcionalização de um 'ser' que, nem 'saído do nada' nem chegado a ser, se suspende como sonho de si próprio (autoficcionalização, declinado fichteanamente como Actus) que arrefece, coalha, se petrifica, se materializa, e adquire consistência. Mas a da realidade de um sonho, não a da realidade de uma realidade. Por isso Inception, eXistenZ, são cinema patafísico: tudo se suspende e tudo circula, ciranda, num sonho real, numa realidade onírica. A Caverna, Matrix, o sistema hegeliano, ainda lutam da *illusio* para fora; ilusão de que se saísse da ilusão, porque ilusão de que houvesse ilusão (por haver saída dela)!... O gag do totem, em *Inception*, do 'critério' hegeliano como 'autoconfecção' do próprio critério enquanto decorre aquilo mesmo que ele deve criteriar imanentemente, ao mesmo tempo pertencendo ao processo mas processualmente descolando deste para se obter dele para fora como sua verdade (a vertigem correlacionista da deiscência...), num 'auto' que se auto-julga, é o gag dessa figura clownesca da cambalhota absoluta, e Hegel deveria ser, a justo título, considerado, e não Jarry ou Lautréamont, o progenitor. Mas nisso viu bem a patafísica a agonia de toda a filosofia metafísica: esta estava a tentar enunciar a ontologia, mas a ontologia que a supera (cf Deleuze sobre Heidegger-Jarry) ainda se agarra desesperadamente à metafísica, e ainda trata a-lêtheia como re-velação (como sais-entras de Inception) como se houvesse *verdade* (*veritas*: como se houvesse afinal metafísica, 'saída' da física para cima, da caverna para o alto, do mito apolíneo) nessa re-velação (nessa '**ontologia da diferença**').

Sem dúvida que a passagem da finidade à finitude (uma das melhores lições das Antinomias transcendentais) instala o filme inteiro em Inception, mas nem os filmes resolvem o sentido da imortalidade do sujeito da morte, ao adiarem a questão da morte como prova de realidade, o verdadeiro totem – e tabu – lutuoso escondido tanto em Inception como em eXistenZ. Na finitude, na fenoménica, se abolirmos a coisa-em-si (resíduo da pulsão de saída ou de despertar do velho platonismo da caverna), resta apenas a fantasmagoria absoluta. Contrastada com nada, é ela a realidade.